



UFMT

VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

## A INVISIBILIDADE SOCIAL DE TRABALHADORES TERCEIRIZADOS NO ÂMBITO ACADÊMICO: QUANDO A GRANDEZA DO TRABALHO NECESSITA DE RECONHECIMENTO E OUTRO OLHAR

SILVA, Anderson, Aparecido, Santos<sup>1</sup>;  
VASCONCELLOS, Eveline, Caldeira<sup>1</sup>;  
SOARES, Micael Petri Lima<sup>1</sup>;  
HOFFMANN, Andressa, Silva<sup>1</sup>;  
SILVA, Charlei, Aparecido<sup>2</sup>.

**Eixo Temático:** Relações Sociais e Realidade Contemporânea.

**Modalidade de Apresentação:** Banner.

**Resumo:** Frente ao contexto atual da sociedade, estudos sobre a invisibilidade social tem ganhado cada vez mais importância e espaço, independente da área do conhecimento. Na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) há uma grande variedade de pessoas que trabalham nos setores de segurança, portaria e limpeza, funções estas que são de extrema importância para Universidade, esses são conhecidos como os *terceirizados*. É percebido que esses trabalhadores não têm o devido reconhecimento, e nem mesmo, a sua importância para a manutenção e funcionamento das atividades da Universidade é admitida, sendo muitas das vezes, ignorada (consciente ou inconscientemente) por grande parte das pessoas que estudam e/ou trabalham (docentes e técnicos administrativos) no meio acadêmico, sendo de fato, quase *pessoas invisíveis*. O objetivo dessa pesquisa, realizada como projeto coletivo do PETGeografia da UFGD no ano de 2018, visa discutir e apresentar o contexto social desses trabalhadores, e, de alguma maneira, viabilizar o debate acerca desse tema (*pessoas invisíveis*), e em última instância, dar voz e reconhecer o papel essencial exercido, para que a Universidade possa cumprir sua função social plenamente.

---

<sup>1</sup> Discentes do curso de geografia da Universidade Federal da Grande Dourados e bolsistas do grupo Petgeografia, e-mails: [andersonaparecido52@gmail.com](mailto:andersonaparecido52@gmail.com); [evelinevasconcellos@hotmail.com](mailto:evelinevasconcellos@hotmail.com); [micaelplspls@gmail.com](mailto:micaelplspls@gmail.com); [Andressa.hoff@hotmail.com](mailto:Andressa.hoff@hotmail.com).

<sup>2</sup> Docente do curso de geografia da Universidade Federal da Grande Dourados e Tutor do grupo Petgeografia. E-mail [chaelisilva@ufgd.edu.br](mailto:chaelisilva@ufgd.edu.br).



VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste  
Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

**Palavras-chave:** Invisibilidade Social; Trabalhadores Terceirizados; Espaços de Exclusão;

**Introdução:** O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar o perfil dos trabalhadores terceirizados da Universidade Federal da Grande Dourados. Visa discutir e apresentar a *invisibilidade social no âmbito acadêmico* de trabalhadores e trabalhadoras, além de caracterizar as principais dificuldades e necessidades existente no seu dia-a-dia de atividade, procurando demonstrar também o contexto e a realidade socioespacial no qual estão inseridos/as, indo além do estereotipo do uniforme. A base para discussão deste tema são os resultados obtidos na pesquisa coletiva realizada pelo grupo PETGeografia da Universidade Federal da Grande Dourados no ano de 2018. Para fundamentar o processo de análise utilizou-se o conceito de Celeguim e Roesler (2009) que define a *invisibilidade social* como uma distorção humana, no qual, em uma sociedade de consumo se enxerga somente a função que a pessoa exerce e não a pessoa em si, tornando profissões ligada à área de limpeza, como a profissão de gari por exemplo, uma profissão estigmatizada pela invisibilidade social (2009), que segundo os autores, são vistas como profissões sem “importância” para a grande maioria da sociedade, não tendo o seu devido reconhecimento.

**Metodologia:** Para a realização da pesquisa estruturou-se um questionário com questões abertas e fechadas, com critérios qualitativos e quantitativos. Definiu-se uma amostragem induzida, uma amostra total de cinquenta e quatro pessoas, sendo de três setores diferentes: limpeza, segurança e portaria. Realizada na Unidade 2 da UFGD a pesquisa visou traçar o perfil socioeconômico dos entrevistados, saber seus locais de residência, identificar o grau de escolaridade e se esse tem cônjuges, filhos e/ou parentes que fizeram ou não algum curso de graduação, além de mapear o local de residência dos entrevistados, espacializando sua realidade dentro do contexto da Geografia. Na primeira fase primou-se pela elaboração e consolidação da metodologia a ser utilizada, bem como, a construção do questionário. A fim de verificar a eficiência do questionário aplicaram-se amostras testes. As fases seguintes envolveram a aplicação dos questionários em função da amostra definida, seguida da tabulação e análise dos dados e informações obtidas.

Os questionários foram divididos entre os quatorze prédios das faculdades existentes na Unidade 2. Foram aplicados cinquenta e quatro questionários para a realização da pesquisa, sendo divididos igualmente em cinco pessoas por prédio entre os quatorze existentes atualmente na Cidade Universitária/Unidade 2, descritos na tabela 01:



UFMT

VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

**Tabela 01 – Distribuição da amostra em função dos setores e locais da Unidade 2 da UFGD**

LOCAIS AMOSTRADOS	TRABALHADORES ENTREVISTADOS/SETOR		
	LIMPEZA	SEGURANÇA	PORTARIA
FAEN	3	2	-----
FACET	4	1	-----
FAIND	2	1	-----
FAED	5	0	-----
FCH	4	1	-----
FCBA	2	2	-----
FACE	3	0	-----
FACALE	3	0	-----
FCS	3	1	-----
FCA	4	1	-----
BLOCOS A, B, C e D	-----	-----	1 pessoa por bloco

Do universo definido, dos 54 participantes, efetivamente, foi possível dialogar e colher dados e informações de 46 trabalhadores e trabalhadoras, pois, houveram 8 deles/as que não quiseram e/ou não puderam participar da pesquisa.

**Resultados e Discussão:** Na análise dos quarenta e seis questionários aplicados, o que mais se destacou foram, o perfil étnico racial, a formação escolar/acadêmica e o gênero, sendo 36 do gênero feminino, enquanto o gênero masculino é representado por apenas 10 dos participantes da entrevista. Outro fator importante foi à questão de etnia/cor, sendo que, dos 46 entrevistados, 25 se autodeclararam como afrodescendente (Negro, Pardo, Moreno) enquanto 18 se autodeclararam brancos(a), 1 pessoa se autodeclarou como indígena e 2 pessoas não quiseram e/ou não souberam responder.

Desse universo de 46 pessoas, entre as mulheres (36), 16 delas tem o ensino fundamental incompleto, contra apenas 5 que possuem o ensino fundamental completo, enquanto 7 possuem o ensino médio incompleto e 7 que tem o ensino médio completo. Duas das entrevistas chegaram a realizar/iniciar um curso de graduação sendo que apenas 1 delas conseguiu terminar. No universo dos 10 homens participantes da pesquisa, 4 tem apenas o ensino fundamental incompleto e 1 com fundamental completo, enquanto 3 chegaram até o ensino médio, havendo 1 que não concluiu. Dois afirmaram cursar uma graduação, havendo apenas 1 que conseguiu concluir. Daqueles que declararam ter iniciado ou terminado o curso de graduação não foi registrado a UFGD como base de seus cursos



UFMT

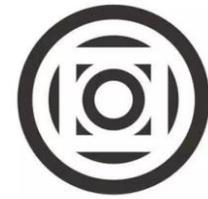
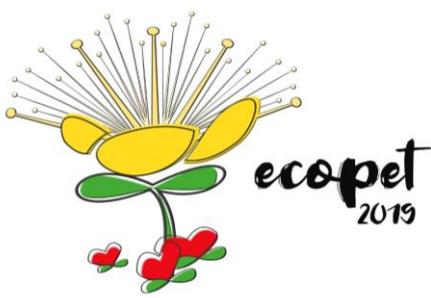
## VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

Estendendo a pergunta sobre a escolaridade para o seu núcleo familiar (cônjuges, filhos e/ou parentes próximos) dos 46 participantes, 29 deles não tiveram algum familiar que cursou uma graduação, contra 17 que já tiveram algum familiar que se graduou, seja em universidade pública ou privada. Sobre os que tiveram pessoas do seu núcleo familiar que fizeram uma graduação, dos 17 que responderam sim, 9 foram na UFGD, 1 na UEMS, 1 na UFMS, 2 na ANHANGUIERA e 2 na UNIGRAN, sendo que dos familiares que estudaram na UFGD não se apresentou uma predominância expressiva em um curso específico, ficando distribuídos entre Sistemas da Informação, Matemática, Educação Física, Administração, Agronomia, Ciências Sociais e Física. Observando com mais atenção para a questão de auxílios para a permanência de alunos oferecidos pela própria Universidade ou por Programas do Governo Federal como o Prouni, 11 dessas pessoas não tiveram acesso a nenhum tipo de auxílio, 2 não souberam ou não quiseram responder e 4 receberam algum tipo de auxílio, sendo que deste universo de 4 pessoas 3 eram de Universidades Pública (UFGD e UEMS) e somente 1 pessoa recebeu algum tipo de auxílio estudando em Universidade Privada (como o FIES e PROUNI).

Nas questões que abordavam sobre as dificuldades encontradas no dia-a-dia de suas atividades, 8 pessoas reclamaram do horário de trabalho, afirmando que acordavam entre 4 e 5 horas da manhã para chegarem as 7 horas da manhã, além das 2 horas de almoço, por ser algo desvantajoso, pelo fato de terem que trabalhar 4 horas no sábado para fechar a carga horária semanal de trabalho, ampliando ainda mais a jornada de trabalho e diminuindo o tempo de convívio com os filhos e filhas. Isso se torna um fator de grande consideração, se levarmos em conta que a grande maioria destes trabalhadores são do gênero feminino, solteiras e mães. Houveram 9 pessoas que reclamaram do transporte oferecido pela empresa, afirmando receber um baixo salário, que por causa do desconto em folha deste benefício, somados com os outros descontos na folha de pagamento, não chega a atingir um salário mínimo.

Cinco pessoas falaram sobre a infraestrutura, principalmente por parte daquelas que exercem a atividade de segurança do gênero feminino, relatando sobre a falta de um espaço mais adequado para se trocar de roupa após o término de seu expediente, além do local de entrada, almoço e saída se encontrarem em locais muito longe do seu setor de trabalho, a falta de informação sobre a localização das salas e laboratórios da UFGD também foi outro problema relatado por estas 5 pessoas. Na FACE, uma entrevistada relatou não receber a devida atenção quando leva as suas demandas aos seus superiores. A FAEN foi a única faculdade dentre as existentes na unidade 2, no qual os 3 participantes da pesquisa afirmaram



UFMT

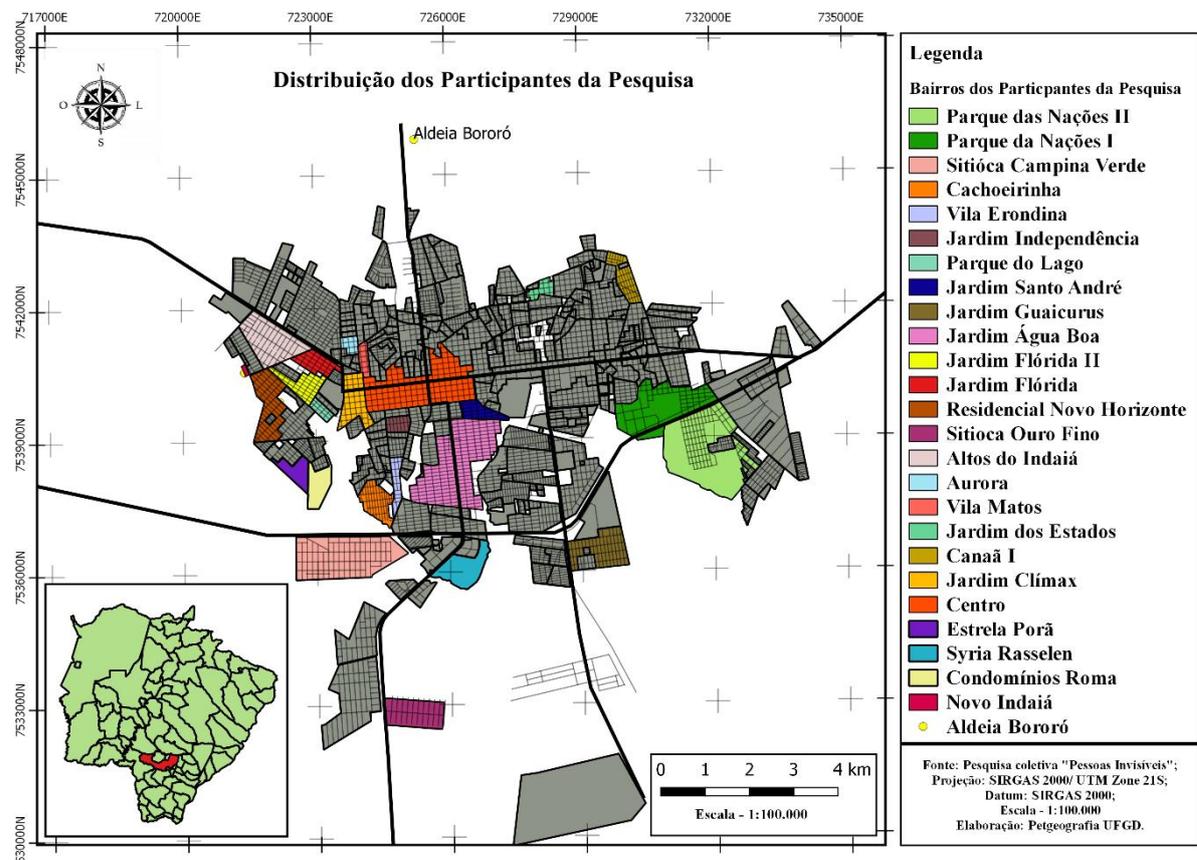
## VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

haver uma falta de educação, gentileza, cordialidade e de colaboração na limpeza por parte dos alunos.

No que tange a realidade socioespacial destas pessoas, abordando a questão sobre o bairro em que reside, percebeu-se que dos quarenta e seis participantes da pesquisa, quando perguntados sobre aonde residem, deram respostas que após serem espacializadas em um mapa temático demonstrou que eles estão distribuídos em diversos bairros distantes do centro da cidade de Dourados - MS, principalmente em conjunto habitacionais e bairros considerados “periféricos” se concentrando principalmente na porção sul da cidade, conforme demonstra o mapa apresentado a seguir:

### Mapa 01 – Local de residência dos trabalhadores/trabalhadoras terceirizados da UFGD





VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

**Conclusão:** A pesquisa demonstra que trabalhar na UFGD não é um critério definidor para estes/as trabalhadores e trabalhadoras, pois, muitos trabalham ali pela necessidade efetiva do emprego, que, aliado a baixa escolaridade da maior parte dos mesmos, diminuem de forma substancial as opções e oportunidades de emprego no mercado de trabalho, isso em ocupações mais atrativas e com melhor remuneração. Evidenciou-se que o fato de que trabalharem em um ambiente acadêmico não muda suas realidades, a universidade e o acesso à educação superior é algo “distante” para elas/es tão quanto suas residências do local de trabalho. Essa distância e realidade é estendida para os seus familiares, algo que fica bastante explícito quando perguntados aos mesmos se eles tinham familiares que cursam e/ou já cursaram uma graduação. Acredita-se, que apesar de estarem próximos do meio acadêmico, para a realidade destas pessoas, o meio acadêmico, é ainda algo desconhecido. Por outro lado, aqueles que frequentam a Universidade, como os técnicos/docentes e estudantes, não tem o conhecimento da existência desta realidade tão próxima. Olhando esta realidade de exclusão e de invisibilidade social no âmbito espacial, percebe-se que essa realidade também se expressa nos seus locais de moradia e origem, pelo fato de muitos destes trabalhadores e trabalhadoras residirem nas periferias, sendo expostos a diversas vulnerabilidades. A pesquisa evidencia que a universidade é de fato uma representação excludente, uma representação da própria sociedade na qual ela está inserida e é necessário tempo e insistência para mudar essa realidade.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Danos Colaterais: **Desigualdades Sociais Numa Era Global**. Editora Zahar. SÃO PAULO – SP. ANO: 2013.

CELEGUIM, Cristiane R, Jorge. ROESLER, Heloísa M, Kiehl Noronha. **A invisibilidade Social no Âmbito do Trabalho**. REVISTA INTERAÇÃO | Ano III. número 1. Pág: 13-26. 1º semestre de 2009.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito a cidade à revolução urbana**. Martins Editora. São Paulo – SP. ANO: 2014.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. Centauro Editora. São Paulo – SP. ANO: 2001.



VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste  
Cuiabá – 01 a 04 de maio de 2019

SIMIN, Thiago, Aguiar. **Invisibilidade Social a partir do Filme “O som ao redor”**: uma análise honnethiana das patologias sociais no Brasil. Revista Unisinos. v.51, N.1. pág: 52-60 janeiro: abril – 2015.

SOUZA, Jessé. **A invisibilidade Social da Luta de Classes ou a Cegueira do Economicismo.**

Disponível no Site: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/jesse-invisibilidade.pdf>. Acesso em 5 de julho de 2018.